

Prefácio

Vicente del Rio, Ph.D.; Professor titular do City and Regional Planning Department, California Polytechnic State University, San Luis Obispo, professor visitante do mestrado em urbanismo da Universidade Lusófona, Lisboa. Autor de Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento (São Paulo: Pini, 1990) e Percepção Ambiental (São Paulo: Studio Nobel, 1996).

Indubitavelmente, as relações que cultivamos com o ambiente que nos cerca são fundamentais não apenas para a nossa sobrevivência física e mental como indivíduos, mas a da nossa cultura e sociedade. Nesse sentido, a nossa inserção no meio urbano constitui importantíssima faceta de nossa existência já que, segundo recente relatório da ONU, metade da população mundial já vive em áreas urbanas – percentual que deverá atingir 60% em 2030 – onde passamos grande parte da vida, entre o lar e o trabalho. As qualidades que percebemos e como nos sentimos na cidade tornam-se, assim, variáveis fundamentais para o nosso bem-estar.

Se todos os nossos cinco sentidos colaboram nessa percepção ambiental e na formação de sentido do que experienciamos, a visão predomina na grande maioria dos casos e para a maior parte de nós. Já nos ensinava James Gibson (1950) que, na percepção do mundo visual, o que vemos – estímulo físico – e complementado por processos mentais individuais, a partir do qual, significados são inferidos. Assim, as “ambiências urbanas” são construídas em nossa mente através da dinâmica entre o que vem de fora com o que vem de dentro, por assim dizer... E o que “vem de dentro” origina-se na formação e na personalidade de cada indivíduo, onde cultura e senso estético assumem papéis primordiais. Reagimos ao ambiente de acordo com os significados – conscientes ou inconscientes – que identificamos nele (Rapoport, 1982). Dessa maneira, avaliamos o que percebemos, formamos as nossas opiniões, e orientamos as nossas ações, num constante e dinâmico processo interativo com o ambiente que nos cerca. Além disso, a psicologia da gestalt nos ensina que nunca percebemos objetos sozinhos mas sempre em relação uns aos outros, conformando contrastes, combinações, e estruturas significativas. Nunca percebemos nada em um vácuo, mas num contexto ao qual inferimos significados e julgamentos. Numa cidade, traços e planos, linhas e pontos, cheios e vazios são igualmente importantes, mas sempre adquirem significado em oposição uns aos outros.

Portanto, a composição física e espacial do ambiente urbano e a nossa interação com esse ambiente confere significados e qualidades ao desenho da cidade (Cullen 1961; Smith 1974). Essa dinâmica do urbanismo é determinante do nosso prazer e deleite em apreciar uma cidade, ou de preferir uma área ou um percurso mais do que outro. Vem à minha mente a figura do *flâneur*, importante personagem observador-participante da obra de Charles Baudelaire e Walter Benjamin que, perambulando pelas ruas de Paris do século XIX, tentava, simultaneamente, deleitar-se e analisar esses ambientes, os seus significados, e as grandes transformações pelas quais a sociedade estava passando.

Assim como *flâneurs*, neste livro Mario Moutinho, Diogo Mateus e Judith Primo nos conduzem em trajetos urbanos, analisando e descobrindo estéticas compositivas do ambiente urbano, em quatro cidades na Europa e no Brasil. Os autores se utilizam de um arsenal teórico-prático com base nas teorias da percepção para identificar elementos compositivos de ambiências e qualidades físico-espaciais, nas categorias de elementos formais e não-formais, comparáveis ao que todos nós experienciamos no nosso cotidiano urbano. Através de um método simples e prático, os percursos e seus elementos formadores são analisados, ajudando a explicar a qualidade das composições e a dinâmica do urbanismo, assim como a própria razão de existência do *flâneur*. Estudantes e profissionais de urbanismo, junto com o público leigo em geral, irão encontrar neste livro uma importante contribuição à análise, à compreensão, e ao desenho de cidades mais bonitas, agradáveis, e memoráveis. Assim fazendo, os autores também estão contribuindo ao nosso bem estar enquanto indivíduos, cultura, e sociedade.

Referências:

- Cullen, Gordon. 1961. Townscape. London: The Architectural Press.
Gibson, James. 1950. The Perception of the Visual World. Boston: Houghton Mifflin.
Rapoport, Aмос. 1982. The Meaning of the Built Environment. Beverly Hills, CA: Sage.
Smith, Peter. 1974. The Dynamics of Urbanism. London: Hutchinson Educational.